

## **Um Livro pra Chamar de Meu: Afeto e Materialidade<sup>1</sup>**

Márcio Souza GONÇALVES<sup>2</sup>

Thayz GUIMARÃES<sup>3</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### **Resumo**

O artigo discute a questão da relação afetiva entre livros e leitores, partindo da ideia de que a materialidade do objeto que apresenta um texto é importante e deve ser levada em conta nos processos de uso envolvendo este texto, incluindo-se aí leitura e produção de sentido. Metodologicamente, serve-se de entrevistas com sujeitos leitores divididos em dois grupos, nas quais são investigados os diversos modos de relação estabelecidos entre textos e humanos.

**Palavras-chave:** livro; afeto; materialidade; impresso; digital.

### **Introdução**

O artigo discute a questão da relação afetiva entre livros e leitores, partindo da ideia de que a materialidade do objeto que apresenta um texto é importante e deve ser levada em conta nos processos de uso envolvendo este texto, incluindo-se aí leitura e produção de sentido. Metodologicamente, serve-se de entrevistas com sujeitos leitores divididos em dois grupos, nas quais são investigados os diversos modos de relação estabelecidos entre textos e humanos.

### **A leitura, o corpo e os afetos**

O ato de ler é sempre realizado por um leitor que tem um corpo, nunca por uma mente incorporal sem localização material. Esse corpo comporta vários sentidos, visão, olfato, tato, paladar, audição, propriocepção. Assim, em princípio, a dimensão total da sensibilidade humana, concretizada nos sentidos mencionados acima, pode participar do ler: lemos com nossos olhos, mas também com o tato, paladar, olfato, audição e com a percepção de nosso próprio corpo lendo.

Há, contudo, em uma literatura já canônica no campo da comunicação, uma redução do ato de ler a um dos sentidos apenas, ao visual, com a correlativa hipervalorização do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor do PPGCom/UERJ, Pós-Doutor em Comunicação pela UFMG, Bolsista Prociência FAPERJ/UERJ, email: msg@uerj.br

<sup>3</sup> Formada em Jornalismo pela UERJ, Membro do Grupo Livros e Cultura Letrada (UERJ/CNPq), Candidata ao Mestrado em Comunicação na UERJ, e-mail: guimaraes.thayz@gmail.com

olho em detrimento do resto. Tal ideia se encontra difusa ou explicitamente formulada na obra de autores como McLuhan, Havelock, Ong, Innis, Flusser, entre outros.

Centrada em uma oposição entre olho e ouvido, essa literatura sustenta que o consumo de textos, manuscritos e, sobretudo, impressos, é um consumo visual, consumo que engendraria um predomínio do olho e da visualidade, de tal modo que a consciência letrada, ou alfabética, ou tipográfica, é fundamentalmente uma consciência visual. Como indica Havelock, entre a concretude oral da poesia épica e a abstração filosófica, se situa um evento fundamental:

Antes da época de Homero, o “livro” cultural grego depositara-se na memória oral, [...] Entre Homero e Platão, o método de armazenamento começou a se alterar quando as informações foram postas em alfabeto e, conseqüentemente, a visão suplantou a audição como o principal órgão destinado a esse objetivo. Os resultados finais da alfabetização não se mostraram na Grécia senão quando, no limiar da era helenística, o pensamento conceitual alcançou certa fluência e seu vocabulário se tornou mais ou menos padronizado. Platão, vivendo no centro dessa revolução, antecipou-a e tornou-se seu profeta (1996, p. 11).

Assim, pode-se ler, por exemplo:

Espaço visual, distinto do espaço acústico, é um artefato, um efeito colateral do uso do alfabeto fonético. O alfabeto age para intensificar a operação da visão e para suprimir a operação dos outros sentidos. [...] A transformação do espaço acústico para o espaço visual ocorreu na Grécia antiga (McLUHAN & McLUHAN, 2007, p. 4. A tradução das obras citadas em língua estrangeira nas REFERÊNCIAS é nossa).

Ou ainda:

Finalmente, contudo, a impressão substituiu a prolongada predominância da audição no mundo do pensamento e da expressão pelo predomínio da visão, que se iniciara com a escrita, mas não podia se desenvolver apenas com o apoio da escrita. A impressão situa as palavras no espaço de maneira muito mais inexorável do que a escrita jamais fizera. A escrita move as palavras do mundo do som para um mundo do espaço visual, mas a impressão encerra as palavras em uma posição nesse espaço (ONG, 1998, p. 139).

O domínio do visual, nessa perspectiva, não seria inócuo, pois levaria a toda uma reestruturação cognitiva e sensorial do humano, produzindo algo como uma separação, que de um lado acentuaria as funções lógicas e racionais e de outro minimizaria a dimensão afetiva. Além disso, teria efeitos sobre a estruturação global da sociedade como um todo.

A linearidade do hemisfério esquerdo é suportada por um ambiente de serviço de estradas e transporte baseado no alfabeto e por atividades lógicas e racionais na administração social e legal. [...] O alfabeto criou o espaço visual, e com ele um ambiente de serviços e experiências “no mundo externo” linear e visual (tudo da arquitetura e autoestradas à arte representativa), que contribuiu para a ascendência ou dominância do hemisfério esquerdo ou linear. [...] Os resultados de Lúria

mostram que a expressão “pensamento linear” não é meramente uma figura de linguagem, mas um modo de atividade peculiar ao hemisfério esquerdo do cérebro. Seus resultados apoiam a observação de que o uso do alfabeto, com sua ênfase na sequência linear, estimula a dominância dessa área do cérebro em padrões culturais (McLUHAN & McLUHAN, 2007, p. 72-3).

Assim, o homem tal como definido pela filosofia moderna, centrado em uma subjetividade racional, seria o efeito maior dessa prática de leitura entendida como visual. Um correlato social desse homem seria o estado moderno, em sua forma nacional. Desnecessário dizer que essa concentração no olho implica em uma diminuição da importância do corpo.

Deixando de lado o fato óbvio de que esse homem racional existe somente nas quimeras filosóficas e que os homens e mulheres reais, além da racionalidade, são atravessados por elementos outros bastante heterogêneos e nada racionais (do ponto de vista filosófico), o ponto essencial que deve ser problematizado é precisamente o da exclusão da participação dos outros sentidos que não a visão e, por extensão, do corpo, nos atos de leitura.

Voltamos assim às ideias desenvolvidas no segundo parágrafo do presente texto: lemos com um corpo que tem vários sentidos além do visual.

Em primeiro lugar a audição. Ora, não se deve perder de vista que a escrita é uma representação da fala e que, portanto, mesmo que indiretamente, o som se encontra em seu limite. A leitura, sendo leitura de escrita, assim, do mesmo modo, tem em seu horizonte os sons falados. O olfato entra em cena na exata medida em que os textos têm cheiros (do tipo de papel, de novo, da tinta...) e que tal cheiro, no dizer e experiência de vários leitores, é parte importante do ler. Livro lido é livro tocado, não lemos sem tocar o suporte, e tal toque é sempre diferente e singular, pois envolve o peso, a textura do papel de cada objeto textual. Lemos, nesse sentido, também com a pele. Uma curiosa espécie de nostalgia olfativa (à la Proust), mas também tátil, parece marcar a experiência, por parte de grandes leitores de impresso, de ler em tablets, como indica uma leitora: “Não sou muito adepta à leitura digital, gosto de sentir o papel em minhas mãos, tocar e cheirar. Em minha opinião, ler o livro digital é uma experiência fria, impessoal, que exclui o prazer do tato e de outros sentidos” (in RUBIANO, 2014, p. 136). Há casos, extremos, de leitores que “experimentam” o gosto dos livros que adquirem no ato de umedecer o dedo para virar uma página, leitores que provam um resíduo do gosto papel. Finalmente, deve-se levar em conta que sempre lemos com o corpo em determinadas posições ou situações, com o corpo se

colocando de um determinado modo em relação ao texto, e essa dimensão global da corporeidade é tão parte do ler quando o visual ou os outros sentidos mencionados acima.

Assim:

Mas, como descobriu Colette, não somente determinados livros exigem um contraste entre conteúdo e ambiente; há os que parecem exigir determinadas *posições* de leitura, posturas do corpo do leitor que, por sua vez, exigem locais de leitura apropriados a essas posturas. (Por exemplo, ela não conseguia ler a *Histoire de France* de Michelet enquanto não se enrodilhava na poltrona do pai com Franchette, “o mais inteligente dos gatos”.) Com frequência, o prazer derivado da leitura depende em larga medida do conforto corporal do leitor (MANGUEL, 1997, p. 177).

### **O olho e o resto, o texto e o resto, o raciocínio e o resto**

A hipertrofia do visual, em detrimento do resto, de todos os outros sentidos, contra a qual nos situamos, é correlata de outra hipervalorização, a do texto, entendido como conjunto de significantes, que no limite leva a que se considere irrelevante e indiferente o suporte sobre o qual aquele se apresenta. O importante, do ponto de vista da significação, interpretação, compreensão e circulação dos textos, seriam as palavras, algo como a “alma imaterial” do texto, uma espécie de invariante incorporeal; essa “alma” se materializaria, ou seria apresentada, em suportes específicos, uma edição impressa ou um exemplar manuscrito, sendo esses suportes absolutamente não importantes para a significação.

Assim, por exemplo, pode-se pensar em *Dom Quixote* (para retomar o caso de Borges desenvolvido por Chartier), que, nessa visada espiritualista, seria compreendido como *o que foi escrito por Cervantes* e que não dependeria, em seu sentido, de ser apresentado em tal ou tal edição. Ora, situando-se criticamente em relação a isso, Chartier escreve:

Porém, quando, no mesmo fragmento de autobiografia [...], o mesmo Borges evoca seu encontro com um dos livros de sua vida, *Dom Quixote*, é antes o objeto que vêm à sua memória: “Lembro-me ainda dessas encadernações vermelhas com títulos dourados da edição Garnier. [...] Para mim, todas essas coisas [gravuras, notas, erratas] faziam parte do livro; era para mim o verdadeiro *Dom Quixote*”. Para Borges, a história escrita por Cervantes será sempre esse exemplar de uma das edições que os Garnier exportavam pelo mundo de língua espanhola e que foi a leitura de um leitor ainda criança (CHARTIER in COUTINHO & GONÇALVES, 2009, p. 40).

Além disso, considerar a leitura como visual vai de par com reduzi-la a uma atividade exclusivamente cognitiva, atrelada ao âmbito do que é genérica e vagamente definido como razão ou racionalidade, como se o ato de ler não comportasse igualmente dimensões de afeto e intensidades emocionais, tanto no que concerne à relação do leitor

com o texto (conjunto de significantes) quanto com o objeto que o apresenta: podemos tanto nos emocionar com o ódio narrado no livro que lemos quanto nos afeiçoar ao objeto material que ele é e que nos remete para as leituras de infância etc.

Essa desconsideração da importância da materialidade, felizmente, não representa tudo o que se pode pensar sobre os textos, seus sentidos e sua circulação. Vários campos de saber, claramente inter-relacionados e entre os quais não existem fronteiras claras, chamam a atenção, há tempos, para o papel do formato materialmente considerado, o papel do papel, em um trocadilho relativamente inexato, para a produção de sentido. Assim, a história do livro, a sociologia dos textos, a bibliografia são alguns campos, entre tantos outros, a considerar a materialidade, com a vantagem de fazê-lo a partir de um arsenal metodológico sólido e bem estabelecido. A referência clássica, nesse caso, são os trabalhos de D. F. McKenzie (2002; 2004).

Essa valorização da materialidade é especialmente interessante na atualidade, marcada por uma série de inovações tecnológicas ligadas às tecnologias digitais. Vivemos um momento oportuno para pensar as diferenças entre suportes de textos e seus efeitos.

A pergunta que aqui nos ocupa é a da relevância dos aspectos materiais para a dimensão afetiva do leitor e para o modo como este se relaciona com os textos.

Segundo Melot, o interesse pela anatomia do livro, seus usos, leitores, diferenças e por sua história material começa com o surgimento das tecnologias eletrônicas: “Enquanto o reino do papel não tinha concorrentes, era difícil *ver* o objeto sob o conceito” (MELOT, 2012, p. 24). A história do livro, por sua vez, não deve ser confundida com a história de seus conteúdos. Cada livro possui sua própria história, sua vida particular (MELOT, 2012), que depende de cada indivíduo que o possui, folheia, toca, ou com ele interage.

Em seu livro *How to do things with books in Victorian Britain*, Leah Price procura investigar, valendo-se de fontes literárias, os diversos usos deste que ela considera “um objeto como outro qualquer” (PRICE, 2012, p.6). Na obra, a autora lista uma variedade enorme de usos pouco ortodoxos e elaborações pouco convencionais a respeito de materiais impressos durante a Era Vitoriana inglesa: se esconder atrás de um jornal, usar uma enciclopédia como batedor de porta, embrulhar peixes com jornais, combinar a lombada da bíblia com a cor do vestido, encher a prateleira de uma estante com livros ocultos, decorar uma mesa de centro com livros que você nunca pretendeu abrir (PRICE, 2012, p. 6), entre outros.

Nesse sentido, Melot vai ao encontro de Price ao afirmar que o objeto livro transcende o simples fim da leitura. Para Melot, as múltiplas possibilidades que um livro contém são definidas pelas apropriações que os indivíduos fazem dele (2012, p. 11). Price (2012) sustenta que as ações que regem o envolvimento de um leitor para com um livro podem ser de três naturezas, das quais a leitura é a apenas uma delas, ainda que seja a primordial. As demais são o manuseio e a socialização (fazer algo para ou com outras pessoas por meio do livro). Essas funções, por sua vez, ao contrário do que se pensa, não são concorrentes à leitura, mas sim complementares.

Quando Price se refere ao livro como “um objeto como outro qualquer”, está falando especificamente do livro impresso e de sua materialidade, e está implícito que seu caráter físico implica em poder ser possuído, da mesma forma que qualquer outro objeto, de qualquer outra natureza. “Todo objeto tem desta forma duas funções: uma que é a de ser utilizada, a outra a de ser possuído”, como lembra Baudrillard (1997, p. 94). Ora, se o livro é um objeto e isso pressupõe que ele possa ser possuído, ser possuído, por sua vez, implica em poder ser acumulado, cobiçado, colecionado, amado e ser, até mesmo, alvo de ciúmes e/ou adoração (PEARCE, 1992).

### **Os leitores, seus livros e seus afetos**

Partimos, assim, de dois elementos principais para discutir o resultado de uma série de entrevistas realizadas ao longo de 2014 com dez leitores, entrevistas focadas na relação dos leitores com seus livros pensados enquanto objetos<sup>4</sup> (GUIMARÃES, 2014). Primeiro, a ideia de objeto apresentada por Susan Pearce e a de que cada objeto (e nisso estão incluídos os livros) possui sua própria história, à medida que “se movimenta no tempo (...), passando de um dono para outro, talvez de um uso para outro ou de um lugar para outro” (1992, p. 16), sendo que é justamente a “característica física [do objeto] que garante que ele possa ser possuído” (p. 31) e “acumulado” (p. 33). Segundo, os conceitos tecidos por Price (2012) em referência aos tipos de envolvimento possíveis entre leitores e livros: leitura, manuseio e socialização.

Tanto a materialidade dos livros quanto a do corpo do leitor, obviamente, são consideradas peças fundamentais na relação afetiva entre livros e leitores. Assim, as entrevistas se concentram nas relações estabelecidas cotidianamente entre os sujeitos e os suportes de leitura. Foram entrevistadas dez pessoas, divididas em dois grupos: cinco professores e cinco alunos, todos da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do

---

<sup>4</sup> As entrevistas foram parte do trabalho monográfico de um dos autores do presente texto desenvolvido sob a orientação do segundo.

Estado do Rio de Janeiro<sup>5</sup>. A partir dos dados empíricos coletados (com base em um roteiro semiestruturado) foi possível traçar o perfil de cada leitor, levando-se em consideração a idade e o nível de formação acadêmica individual. Nossa ideia era entender um pouco a respeito do universo de cada leitor; sobre como se relaciona com os diferentes suportes de leitura, especialmente o impresso; em que momento, com qual frequência e de que maneira se dá essa relação; as preferências, costumes e manias de cada um; os usos dos livros... Tudo isso escapando à simples dimensão cognitiva e envolvendo afetos.

Tecendo nossa discussão a partir desses poucos casos, dez, de maneira alguma tentamos tirar conclusões gerais ou universais, muito pelo contrário. Estamos mais próximos de Robert Darnton em *A leitura rousseauista e um leitor comum no século XVIII*, texto no qual o autor discute as práticas de leitura de um homem que viveu durante o Antigo Regime francês. Na obra, Darnton analisa o arquivo de leituras de Jean Ranson, caracterizado como um leitor desconhecido e ordinário, a partir do qual não é possível deduzir generalizações. A respeito dele, Darnton afirma: “[...] é um indivíduo com suas preferências e suas particularidades, notadamente seu protestantismo. Não se trata, portanto, de fazer dele um exemplo típico, confeccionado a partir das estatísticas. Ranson é um leitor qualquer, comum” (2011, p. 148). Nós, do mesmo modo, pensamos leitores comuns sem essa pretensão de representatividade ou tipicidade, procurando antes perceber as microvariações que fazem parte de nosso cotidiano.

Os alunos entrevistados apresentaram, à época, média de idade de 23 anos. Este número, porém, apresenta distorção, uma vez que 80% deles estavam com cerca de 20 anos, e apenas um, na casa dos 30 anos. Todos eram matriculados entre o 1º e o 8º período do curso de Comunicação. Já os professores apresentaram uma média etária de 46 anos e todos haviam concluído o Doutorado. Somente o professor Marcos possui Pós-doutorado.

Entre os alunos 80% preferem ler um livro impresso a um livro digital, basicamente, em razão de sua materialidade. “É mais fácil entrar no clima com os livros físicos, devido à possibilidade de manuseio do objeto”, garantiu Maria. Luiza é da mesma opinião: “Gosto de segurar o livro, entrar em contato, folhear as páginas”.

Os professores foram unânimes na preferência pelo livro físico e destacaram a relação de afeto e a intimidade como alguns dos principais motivos que os fazem optar por

---

<sup>5</sup> De maneira a proteger a identidade de cada um, serão utilizados nomes-fantasia. A saber: Maria, Luiza, Jorge, Renato e Fernanda (alunos); Marcos, Amanda, Sérgio, Isabel e Cristina (professores). Todas as citações de entrevistas remetem para GUIMARÃES, 2014.

essa escolha. Marcos disse que o cheiro do livro e o papel fazem toda a diferença, “é uma questão afetiva. Também gosto de presentear meus amigos com livros impressos”, afirmou. Sérgio disse que, para ele, é mais questão de comodidade. “É cansativo ler na tela um texto ao qual tenho de dar muita atenção, e a postura de leitura (sentado) também”, comentou, referindo-se à leitura em plataformas eletrônicas. Isabel concordou: “A luminosidade do digital incomoda. Não ter noção de página, de materialidade, também”.

É bastante comum entre os alunos e os professores entrevistados utilizar como justificativa para a preferência do impresso o desejo de formação de uma biblioteca particular. Mas por que as pessoas ainda preferem se abarrotar de edições impressas a carregar uma biblioteca inteira dentro de um único dispositivo, como os *e-readers*, por exemplo? Em sua obra *Livro*, Melot explica que a questão do colecionismo de livros quase nunca está relacionada ao prazer da leitura ou mesmo à apropriação de conhecimento, mas sim permeada de sentimentos que beiram a posse e/ou a exibição (cf. também GUIMARÃES, 2014).

Se analisarmos etimologicamente a palavra “coleccionismo”, descobriremos que o seu correlativo em inglês, a propósito, é *hoarder*. Traduzido em sentido literal, “entesouramento”. A esse respeito, José Mindlin (1914-2010), o maior colecionador de livros do Brasil, diz que:

O livro exerce uma atração multiforme, que vai muito mais além da leitura, embora esta seja um ponto de partida fundamental. Em primeiro lugar, existe sempre a ilusão de que se vai conseguir ler mais do que na realidade se consegue. Depois vem o desejo de se ter à mão o maior número possível de obras de um autor de quem se gosta – já é o começo de uma coleção. Conseguido o conjunto, que se quer o mais completo possível, surge o interesse pelas primeiras edições, geralmente raras, e a atração do livro como objeto, e também como objeto de arte, em que entra a qualidade do projeto gráfico, a ilustração, a diagramação, o papel, a tipografia, a encadernação; e aí já surge a busca pela raridade. Quando se chega a esse estágio, aquele que se pensava em ser na vida apenas um leitor metódico está irremediavelmente perdido. Sua relação com o livro passa a ter uma dimensão quase patológica, pois a compulsão de possuí-lo é mais ou menos irresistível (mais do que menos) (2005, p.15).

O professor Marcos, por exemplo, possui uma biblioteca particular enorme, que ocupa um cômodo inteiro. "Estou na fase de começar a me desfazer de alguns [livros], mas é difícil", brincou. Já a coleção do professor Sérgio, segundo o próprio, é uma biblioteca pequena, entre 400 e 500 livros. “Questão de espaço”, ele se justifica, e completa: "Fico muito triste quando me levam algum [exemplar]". Sérgio admite, no entanto, que não leu muitos dos livros exibidos em suas prateleiras, apenas os coleciona.



Caso emblemático do tema, a professora Cristina não titubeou ao confessar que sua biblioteca é um caos completo e, justamente por isso, um reflexo de sua vida pessoal. Todavia ela, que possui cerca de três mil livros em casa, consegue ter noção das várias fases da vida só olhando para as estantes. A noção de posse é forte: “Tenho um tremendo ciúme de emprestar livros e nunca mais devolverem”.

A prática colecionista não se restringe apenas ao acúmulo de livros. Foi percebido, durante as entrevistas, que tanto alunos como professores são exímios praticantes da “síndrome de esquilo”, a mania de acumular objetos variados, nesse caso, se referindo especificamente a papeizinhos e recortes de revistas e jornais. À primeira vista, um acúmulo necessário. Na prática, quase sempre apenas mais entulho dentro de casa.

Hoje, o professor Marcos, pelo menos, precisa desses arquivos para uso profissional. Ele faz clipping de jornais, principalmente para pesquisa. “Antes eu colecionava coisas por gosto, hoje não mais”, afirmou. Ele guarda o material todo em pastas na Universidade, mas “quando era para uso pessoal, pendurava num quadro, mas depois jogava tudo fora”. A professora Amanda admitiu: “Já tive muitos. Guardei caixas e caixas, achava que iria usar em pesquisas futuras. Joguei tudo fora. Hoje guardo apenas para trazer para a sala de aula”. E revelou: “Também tenho cadernos confessionais em que uso recortes de jornal para ilustrá-los”. O aluno Jorge possui a forma de armazenamento mais exótica de todas as mencionadas: um painel que vai do teto ao chão na parede de seu quarto com recortes de jornais e revistas que o inspiraram ou o emocionaram em algum momento. Segundo ele, “é uma forma de arte também”.

Respostas curiosas despontaram quando alunos e professores foram indagados sobre o que sentiam ao armazenar tais recortes. Marcos tem angústia de não conseguir ler tudo, assim como a professora Amanda: “Droga, estou arrumando mais trabalho!”, ironizou. Se disser respeito a uma pesquisa acadêmica, Sérgio tem a sensação de progresso, avanço. No campo sentimental, de lembrança, afeto. A professora Isabel filosofou: “É como se eu tivesse uma colcha de retalhos da história que eu seleciono pra mim e a qualquer momento eu pudesse puxar aquele pedacinho que me interessa. Um manto protetor”. Ao contrário da professora Cristina, que foi mais pragmática: “Sinto que em algum momento poderei rever esse material e pensar diferente”.

Entre os alunos, Maria disse sentir felicidade. Jorge, que possui o quadro de recortes no quarto, disse que quando coleciona, não sente nada, mas ao ver o resultado de seu trabalho na parede, “tão bonito”, segundo ele, fica orgulhoso, “porque aí percebo que minha

veia artística não está morta”. Renato, que não tem costume de colecionar recortes impressos, guardou o jornal inteiro quando o Tupi, time de sua terra natal, foi campeão da Série D e, por isso, saiu em uma matéria no jornal esportivo Lance. Ele está guardando o exemplar para mostrar para os filhos. “Quando eu tiver filhos, claro. Sinto uma nostalgia boa quando olho para esse jornal, por isso quero compartilhar com eles”.

No quesito local de leitura, o mais popular entre os alunos é a própria cama, seguida dos transportes públicos (especialmente metrô) e da poltrona da sala de casa. A aluna Fernanda, do 6º período, lê durante os deslocamentos pela cidade e de noite, na cama, “mas adoraria ter uma cadeira de leitura”. Renato só lê sentado, porque “uma professora disse que assim oxigena mais o cérebro”. Jorge, por sua vez, se está na cama, lê deitado de bruços ou sentado ou apoiando o livro na mesa. “Pareço uma lombriga quando leio”, brincou. Os locais de leitura mais comuns entre os professores são o quarto, o escritório, a sala e o transporte público. A professora Isabel aproveita para ler as notícias do dia enquanto assiste à televisão na sala de casa, mas inveja quem consegue ler no metrô.

Também é comum durante a leitura de textos impressos que se façam pequenas tomadas de nota ou mesmo marcações na página. O resultado das entrevistas apontou para a divisão de alunos e professores entre os que preferem as marginais (anotações à margem do próprio texto) e os que preferem as anotações em um papel à parte. Marcações feitas com *post it* (blocos autoadesivos) também apareceram nas respostas. O professor Marcos prefere grifar o texto a lápis. “Fico achando que vou apagar essas marcações depois, mas isso nunca aconteceu”, confessou. A professora Amanda contou que “Hoje, até literatura eu leio com lápis na mão”. A aluna Luiza se mostrou bastante animada ao afirmar que rabisca o texto todo enquanto lê. “Não tem nada melhor que isso!”. Jorge, por sua vez, possui um método próprio: “Marco as páginas com *post it*, separando com cores, por grau de interesse. Azul é o *top five*”.

Outra prática corriqueira entre os entrevistados é a composição de listas: “livros a serem lidos”, “livros a serem comprados”. No entanto essas listagens são apenas figurativas, uma vez que todos os entrevistados confessaram não dar conta do material elencado, o que, por sinal, rendeu diversas respostas sobre “frustração” diante desse quadro.

Fernanda às vezes faz listas de livros, mas sempre as perde, por isso resolveu apelar para um método bastante particular: “Uma vez tirei foto do livro e postei no Instagram com a legenda 'quero ler esse livro'”. Luiza é mais pragmática: “Faço listas de livros para comprar e espero o preço diminuir”. Nem sempre funciona, mas ela continua tentando. O

professor Marcos prefere pendurá-las na parede, que é para ver se não esquece. O problema é que ele nunca consegue terminá-las. “Começo outra antes de terminar a primeira”, ele riu. A professora Cristina utiliza um método parecido com o de Luiza: “Fotografo as capas e guardo no celular”. Segundo ela, suas listas são “intermináveis e mutantes”.

É senso comum que não se deve julgar um livro pela capa, mas, em termos de relações sociais e afetivas entre livros e leitores, a regra não se aplica de forma tão clara, como lemos em Melot:

Esta é a parte visível do livro, a qual tem por função subsidiária a de assegurar sua publicidade. O que mais espanta, para um elemento que deveria ser trivial, é o luxo e a ostentação que investem a maior parte dos bibliófilos, ao fazer de um elemento suntuoso algo significativo do valor simbólico acordado ao livro (2012, p. 56).

Além disso, a qualidade da cobertura pode influir no modo como o conteúdo é valorizado:

[...] A encadernação se tornou um objeto do mobiliário, às vezes um acessório. [...] Ainda hoje o livro, cuja encadernação se encontra simplesmente brochada ou colada, se apresenta como subproduto do livro encadernado (MELOT, 2012, p. 57).

Cristina não tem medo de dizer que cresce o olho para edições de luxo: “Eu tenho três edições do mesmo livro. A embalagem do livro acaba tecendo uma relação de sedução comigo, não adianta”. Ao contrário, a professora Amanda e o professor Marcos preferem as edições mais baratas, por serem mais leves de carregar: “O que é importante é que a tipologia seja agradável de ler. Nem gosto muito de capa dura, porque é mais pesado de carregar”, comentou Marcos. Amanda fez coro: “Edições mais baratas também são menores para acomodar em casa”.

Como já dito, o livro-objeto não está ligado apenas a fatores intelectuais. Também é fator de construção da imagem e presença social de quem o lê, manuseia ou socializa por meio dele, para citar as três ações listadas por Price (2012). Assim, a lógica de ostentação da materialidade do suporte de um livro também se aplica, em muitos casos, ao suporte de leitura digital. O professor Marcos, por exemplo, considera ser “mais chique” ler em Ipad, embora não possua um. “Inclusive, sou muito criticado por amigos que trabalham em boutique e usam o tablet como acessório do dia a dia, tipo cordão, sabe?”, ele comentou. A professora Cristina foi ainda mais incisiva ao declarar “Samsung não, tem que ser Apple!”, deixando bem claro que a marca, para ela, importa bastante na hora de escolher a plataforma digital.

Na outra ponta estão os professores que defendem veementemente a leitura no impresso como forma até de prestígio intelectual. Caso emblemático foi o da professora Amanda, ao se manifestar sobre a leitura em suportes digitais de marcas famosas, como o citado tablet da Apple: "Eu acho que a pessoa não lê nada, tá só ostentando aquele suporte. Tenho preconceito com a baixa erudição dessas pessoas", declarou.

Se o assunto gira em torno da socialização por meio dos livros, as livrarias tradicionais das cidades, bem como as mais “moderninhas” – com direito a *lounge* e café –, ainda são o grande nicho dos leitores fascinados pelo universo textual, social, material e afetivo que envolve seu objeto de desejo: o livro. Sobre esse assunto Finkelstein e McCleery afirmam:

O varejo tem se dividido em duas frentes diferentes para acomodar as necessidades e a natureza do leitor: compras online em companhias como a Amazon capazes de pesquisar em bancos dados, geralmente munidos de “agentes inteligentes” que preveem as preferências dos leitores baseados em compras anteriores, uma escolha feita em um estoque muito maior do que qualquer varejista físico poderia oferecer, e alguns descontos no preço; livrarias contemporâneas fornecem ambientes acolhedores e confortáveis, incluindo áreas de leitura e cafeteria, de forma a recriar o ato de comprar livros em uma atividade de lazer na qual escolhas específicas são mais prováveis de ser feitas por impulso do que previamente planejadas (2005, p. 129).

Todos os entrevistados disseram que é prática corriqueira visitar livrarias, mesmo quando não têm nada específico para comprar ou procurar. “Quando passo em frente a uma livraria, é quase obrigação entrar pra dar uma olhadinha”, disse Renato. “É quase uma doença!”, destacou o professor Sérgio. A professora Cristina, às vezes, vai só para gastar dinheiro, e a professora Isabel ama “se perder” em livrarias.

Entre as preferidas dos alunos estão a Livraria Cultura, Saraiva, Blooks, Travessa e Liberdade (localizada em Juiz de Fora, Minas Gerais), devido à localização, acervo, variedade de produtos oferecidos, ambiente, livreiros e preço. “Minha livraria preferida é a Livraria Cultura, porque ela tem coleção de importados e materiais de escritório”, explicou Maria. Fernanda também prefere a Cultura, mas com ressalvas: “O mais legal de tudo é que a Livraria Cultura fica num cinema. Eu adoro o ambiente, o acervo é maravilhoso... Ah sim, e também tenho desconto nas compras. Mas tenho raiva do Café Viena, porque sempre recebo um serviço péssimo”. O ambiente agradável e a proximidade com um cinema reaparecem na fala de Luiza: “A Blooks é a que eu mais gosto, porque fica ao lado de um cinema, tem um ar *cult* e possui todos os livros e filmes que eu desejo”. Jorge prefere a Travessa do Barra Shopping, porque é grande e ele pode ficar lendo os livros sem pagar.

Renato, que é de Juiz de Fora, explicou que a Liberdade é tradicional da cidade e os atendentes sabem onde estão todos os livros. “Não são meros vendedores”, ele deixou claro.

Os professores preferem Travessa, Saraiva, Prefácio, Gutenberg (localizada em Niterói), Cultura, Argumento e Blooks, por motivos bastante parecidos, tais como livreiros, acervo, ambiente e café, porém, com um destaque para os frequentadores. Nas palavras da professora Isabel, “a Travessa de Ipanema e a do Leblon são aconchegantes e tem sofás grandes que lembram a casa da gente. A Argumento não possui esse ambiente *lounge*, mas tem um astral ‘intelectual’ que inspira a qualquer um, o local emana prazer de ler, sem falar que escritores e artistas famosos costumam frequentá-la. E tem o café também”. A professora Amanda prefere a Gutenberg, devido à sua relação estreita com os vendedores e com o dono: “São incríveis! Direto tomo vinho com o dono, que é português”.

Bibliotecas e sebos também foram contemplados pela pesquisa, mas não despertaram o mesmo interesse nos entrevistados. A maior parte dos alunos, inclusive, disse utilizar bibliotecas apenas em último caso, como Maria, que só vai a bibliotecas quando é para pesquisas documentais e quando precisa ler um livro muito caro. “O que não consigo comprar, busco na internet”, admitiu. Já os professores não são muito familiarizados com a compra de livros usados, a menos que a edição esteja esgota. A exceção é a professora Amanda: “Compro vários livros usados. Se a gente não comprar também, a gente fale. E eu adoro ver as dedicatórias e as assinaturas antigas”.

### **Considerações finais**

Contra a tirania do olho, se aposta aqui que “a leitura não consiste apenas em uma ação dos lábios e do olhar, mas em um gesto” (MELOT, 2012, p. 189) que envolve todos os sentidos. O leitor lê com o corpo. Não é possível ler um livro sem tocá-lo. Além disso, não é possível ler um livro sem que se leve em consideração o ambiente em torno de si mesmo. E sim, o livro tem cheiro e tem gosto. Cheiro de novo, de velho, de mofo, da tinta com que foi impresso etc. Seu gosto é sentido quando, sem mesmo perceber, umedecemos as pontas do dedo para mudar a página.

O livro, antes de tudo, é um objeto que pode ser possuído pelo leitor. Mas cada livro possui sua história pessoal, determinada pelos usos e apropriações que dele foram feitas, e que não deve ser confundida com a história de seu conteúdo. Quem possuiu o livro, quem o leu? De que modo? Com que finalidade? Quando? Onde? Durante quanto tempo? Por quê? Que memórias ele desperta em cada um de seus leitores? São justamente as particularidades de um exemplar que o tornam um item único, caro a quem o lê ou possui; às vezes objeto

de prestígio social, adoração ou decoração, outras, de discórdia e desprezo, mas sempre um objeto de valor para quem por ele se interesse, seja no campo econômico ou sentimental.

Da mesma forma que a história do livro, enquanto objeto, não deve ser confundida com a história de seu conteúdo, o afeto desenvolvido pelos leitores em relação aos livros não pode ser definido apenas em relação ao prazer pela leitura, que, por sua vez, também não deve ser entendida como ligada somente a fatores intelectuais, ainda que tradicionalmente estes sejam privilegiados.

Um último exemplo pode ser útil: Maria, um dos alunos entrevistados, prefere ler a versão digital do livro para não “gastar” a versão impressa, que exibe graciosa e orgulhosamente em sua estante, organizada em coletâneas distribuídas por cores. Ela alega a preservação do papel impresso como justificativa para essa atitude “cuidadosa”, já que gosta de ler mais de uma vez o mesmo livro e isso implica em ter de folhear várias vezes as mesmas páginas e carregar o suporte textual para variados locais em diferentes situações e momentos do dia. Contudo, sob este motivo, outro parece se esconder: um certo prestígio intelectual, que apenas a visibilidade de uma biblioteca impressa consegue propiciar, contrariamente à invisibilidade dos arquivos digitais. É para essas relações complexas que o presente texto procurar chamar a atenção.

Dessa forma, no que concerne à relação com os objetos que apresentam textos, as entrevistas apontaram, de forma geral, a preferência pelos suportes impressos em comparação aos suportes eletrônicos, por motivos quase sempre ligados à materialidade do impresso ou aos incômodos causados pelas telas digitais. Sendo os livros impressos fiéis escudeiros de nossos entrevistados, no que concerne ao manuseio, o toque permanece irresistível, vide as diversas referências à possibilidade de folhear as páginas de uma edição impressa. No âmbito social, ou melhor, socialização por meio dos livros, nota-se desde uma simples ida ocasional à livraria para ver os lançamentos e, quem sabe, entrar em contato com os livreiros e frequentadores da casa, até a exibição para parentes e amigos das eventualmente vastas coleções de livros (lidos ou simplesmente colecionados). Essas três ações (leitura, manuseio e socialização), que dificilmente aparecerão dissociadas, envolvem, como visto, em diferentes níveis, aspectos afetivos.

Ainda são muito recentes no meio científico os estudos que tratam da ligação entre a materialidade do livro e o leitor no campo afetivo e social, de maneira que bibliografia específica se torna difícil de ser encontrada, principalmente em nosso país, que não possui uma tradição dos estudos do livro e da leitura como França e Inglaterra, para citar apenas os

dois principais. Por nosso lado, estamos longe de termos esgotado o assunto com este artigo, o que se tenta aqui é apenas um início de discussão.

## REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

COUTINHO, Eduardo & GONÇALVES, Márcio. **Letra impressa: comunicação, cultura e sociedade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

DARNTON, Robert. **A leitura rousseauista e um leitor comum no século XVIII**. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. Moderna. São Paulo: Editora Ática, 1998.

FINKELSTEIN, David; MCCLEERY, Alistair. **An Introduction to book history**. New York: Routledge, 2005.

GUIMARÃES, Thayz. **Na cama, na praça, no banco de jardim: Livros, leitores, afetos e materialidade**. 2014. 84 f. Monografia (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

HAVELOCK, Eric. **Prefácio a Platão**. Campinas: Papirus, 1996.

MACEDO, Helton Rubiano de. **Das estantes para a tela: práticas de universitários leitores de livros impressos e digitais**. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

McKENZIE, Donald F. **Bibliography and the sociology of texts**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

McKENZIE, Donald F. **Making Meaning: “Printers of the Mind” and Other Essays**. Edited by Peter D. McDonald & Michael F. Suarez, S.J.. Amherst, Boston: University of Massachusetts Press, 2002.

McLUHAN, Marshall; McLUHAN, Eric. **Laws of media – The new science**. Toronto, Buffalo, London: University of Toronto Press, 2007.

MELOT, Michel. **Livro**, São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

MINDLIN, José. **Memórias esparsas de uma biblioteca**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Florianópolis, SC: Escritório do Livro, 2004.

ONG, Walter. **Oralidade e Cultura Escrita: a tecnologização da palavra**. São Paulo: Papirus, 1998.

PEARCE, Susan M. **Museums, objects and collections**. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press, 1993.

PRICE, Leah. **How to do things with books in Victorian Britain**. New Jersey: Princeton University Press, 2012.